

CLASSICA

Raízes da música portuguesa



Quatro compositores portugueses, quatro obras nunca antes gravadas, diferentes expressões dos

dias de hoje, sobre séculos de tradição e o Quarteto de Cordas de Matosinhos. No conjunto, um dos mais belos álbuns editados este ano. *Raízes* reúne novas obras para quarteto de cordas de Eurico Carrapatoso, Telmo Marques, Sérgio Azevedo e Fernando C. Lapa, encomendadas pelos músicos do quarteto, sob a condição de serem inspiradas em melodias, danças e histórias da tradição musical portuguesa.

Liaços, contradanças e descantes, de Eurico Carrapatoso, estabelece o ponto de partida, assente em Trás-os-Montes e nas raízes mirandesas do compositor, com os cinco andamentos a traduzirem contrastes e harmonias, da nostalgia da abertura, das mais belas "Searas", à energia final de "Malhadas", dança que culmina o caminho feito pelos brilhantes 'pizzicatos' de "Rabatida", pela introspeção de "Ninho" e a densidade de "Encomendação".

"Ilhas Afortunadas" de Telmo Marques, remete para os Açores e a Madeira e as mitologias dos arquipélagos. Os seus quatro andamentos trazem "Mare nostrum", numa evocação do movimento das ondas, ameno e forte, o ritmo bem marcado de "Baile", a expressividade melódica de "Conde da Virgínia" e as surpresas de "Charamba", de um compositor nada estranho ao jazz.

Em "Popularuska I", Sérgio Azevedo homenageia Fernando Lopes-Graça e Béla Bartók, abordando melodias populares, seguindo a expressão dos diferentes compositores. Os dois primeiros andamentos (Quodlibet e "Rimanço") evocam o 1.º Divertimento de Braga Santos, num jogo de temas, que divergem e se harmonizam, abrindo caminho a "Não se me dá que vindimem", em duas partes, para Lopes-Graça e Bartók, num encontro que a ambos agrada. O 5.º e último andamento, dedicado a Carrapatoso, retoma uma canção de embalar, também ao gosto do compositor, "Ó ó menino ó".

Com Trás-os-Montes por ponto de partida, é também a Nordeste a chegada. Os quatro andamentos da "Suite Mirandesa" de Fernando C. Lapa oferecem um fascinante percurso pela reavistação de danças, romances e canções de embalar. Ao ambiente pastoral

de "Pur beilar el pingacho", sucede a complexidade de "Mirandum se fui a la guerra", antes dos ritmos lentos e expressivos de "Cum ró-ró" e do gesto de dança de "Senhor Galandum". Interpretação do Quarteto de Cordas de Matosinhos honra a encomenda, as raízes e os compositores que as revisitam.

> **Raízes - Portuguese Chamber Music**

QUARTETO DE CORDAS DE MATOSINHOS

Naxos

MARIA AUGUSTA GONÇALVES

POP

Expresso Transatlântico Baile consciente do futuro

Apesar de já se conhecerem há bastante tempo uma vez que os pais são amigos, foi em 2011, a seguir ao Optimus Alive, que Rafael Matos, dono da bateria da banda, e, Sebastião Varela, responsável pela guitarra elétrica, se começaram a dar mais e decidiram criar umas "bandinhas". O Gaspar, o outro Varela do grupo, virtuoso guitarrista, por ser mais novo não tinha tanto envolvimento com os agora parceiros de banda. Foi sim, quando viajava pelos Estados Unidos da América, em 2020, tendo sido escolhido por Madona para integrar a sua tour, que passou a ter uma influência maior na construção musical do grupo, apesar da distância.

"Eu e o Rafa estávamos a fazer umas musiquinhas, enviávamos para o Gaspar e ele lá fazia a magia dele", explica Sebastião. Foi esta distância transatlântica, para além da mistura das várias influências singulares de cada elemento da banda que deu nome aos Expresso Transatlântico. Até então estava longe a ideia de a banda encarar de forma séria o que era produzido, uma vez que era tudo realizado como diz Rafael, "na desportiva": "Só se tornou sério quando o Gaspar voltou da tour e fomos para estúdio gravar as duas primeiras músicas do EP. Sentimos nesse momento que estava a acontecer alguma coisa".

O EP homónimo viria a chegar ao público em 2021, levando a banda a pisar pela primeira vez o palco do Teatro Maria Matos, e, um ano depois, viria a sair o single "Barquinha", com a colaboração de Conan Osiris. Apelidado de génio pelos elementos da banda, e dando voz ao instrumental dos três amigos, a sua colaboração culminou numa música com a letra construída através do que fora vivido num dia de convívio entre este e a banda, como explica Sebastião: "Acabámos um ensaio de uma hora, depois ficámos juntos até à noite, jantámos, sempre a falar, e no dia seguinte já estava uma letra feita".

Assim como na Barquinha, Bombália, outra faixa deste álbum, tem o mar



Expresso Transatlântico

como elemento constante nos videoclipes, servindo como um elo entre os artistas e os consumidores da sua arte. É nesta dedicatória ao mar que Sebastião, nascido e crescido em Lisboa, assim como todos os elementos do grupo, tendo, por isso, uma ligação constante ao mar ao longo da sua vida, que frisa as palavras de José Mário Branco: "Como o mar nos ensina a sonhar alto".

Esta perceção da transmissão de sensações através da materialização dos sons em imagens provem de Sebastião que tem formação em realização e que olha para os sons como quem olha para vinhetas: "A cena fixe das nossas músicas é que deixam espaço para criar alguma coisa ali dentro, para tentar elevar uma certa emoção, um certo sentimento. É tentar dar uma roupagem a uma coisa que estás a ouvir, e, dada a liberdade conferida pelo instrumental, acabamos por criar uma história e filosofar ali à volta".

Dead Combo é uma das referências declaradas pela banda no seu processo criativo, mas, dada a proximidade óbvia, Celeste Rodrigues, irmã de Amália e bisavó dos irmãos Varela, sempre foi muito influente, como explica

Sebastião: "Está bastante presente. Azul-Celeste é a primeira malha que a minha avó me ensinou quando eu comecei a tocar guitarra e depois ensinou o Gaspar".

Muitas vezes associados ao fado, muito por conta da presença do Gaspar e da sua guitarra portuguesa ao longo das músicas até então lançadas, e, sendo os três amigos jovens que atingem uma geração que, à partida, não tem uma ligação forte a este estilo musical. São muitas vezes confundidos como missionários da promoção deste património, algo que rejeitam de forma imperativa. "Temos uma banda com um guitar-

rista que toca guitarra portuguesa, um instrumento que não é exclusivo do fado, para além do facto que aquilo que o Gaspar faz no Expresso é basicamente reinventar a guitarra portuguesa", vinca Sebastião.

Lançado no final de setembro, este primeiro álbum da banda, intitulado de *Ressaca Bailada* é fruto de mais de um ano passado em tournée, com presença em alguns dos mais importantes festivais nacionais, e, consequentemente, de um contacto desta com o público, do feedback, algo que não tinha acontecido até à composição do disco, como refere Rafael: "Nós nunca tínhamos tocado ao vivo, nem sabíamos ao que é que Expresso Transatlântico ia soar".

Referindo-se a este álbum como um "baile consciente do futuro", a banda tenta ao máximo espelhar essa mesma consciencialização mesmo sem qualquer corda ou batida por detrás, quando necessário.

Atendendo ao sucesso deste primeiro espaço, a revelam que já andam a pensar num novo álbum. Mas, para já, o que se segue são concertos, ao som de um álbum dançável num misto de fado, rock alternativo e pop, com vista a uma *ressaca bailada*. JL GONÇALO FRANCO



> **Expresso Transatlântico**

RESSACA BAILADA

Ed. Autor

JAZZ

Saxofone luminoso



Art Pepper sempre foi o mais luminoso e fulgurante dos saxofonistas, o melhor discípulo de Charlie Parker, e mesmo

nos anos que esteve recluso em San Quentin, e nunca deixou de tocar. Afastado o longo período de drogas-prisão-reabilitação-recada, Art Pepper retorna à carreira artística no

meio dos anos 70, gravando dezenas de discos e dando a volta ao mundo em concertos que têm vindo a ser editados, fazendo as delícias dos amantes do Jazz. Este disco, *So in Love*, originalmente gravado para a Artists House em 1979, foi agora reeditado com três faixas não incluídas no original e remasterizado, e pertence a esse período frenético e é também um exemplo do que Pepper poderia ter sido se não tivesse desaparecido prematuramente. É um álbum de estúdio, e faltar-lhe-á talvez algum do fulgor a que o público o levava, mas é um exemplo maior do insuperável saxofone-recada, Art Pepper, um bopper genuíno, aqui e ali

tocado pela volúpia de John Coltrane (que verdadeiramente influenciou toda a gente). Repertório clássico, entre Thelonious Monk, Cole Porter e Hoagy Carmichael, com Pepper em sax alto e clarinete, e uma banda de respeito com algumas singularidades: o companheiro George Cables alternando com Hank Jones no piano, Ron Carter com Charlie Haden no contrabaixo, e Billy Higgins com Al Foster na bateria. Uma delícia!

> **So in Love**

ART PEPPER

Omnivore Recordings,

LEONEL SANTOS